

Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: Aspectos históricos e forma urbana.

Urbanization and socio-spatial formation in the Este Zone of São Paulo: Historical aspects and urban shape.

Filipe Vieira de Oliveira*

Resumo

Este artigo discute os aspectos históricos da urbanização da cidade de São Paulo com destaque a formação socioespacial do extremo leste do município até a sua efetivação como periferia consolidada. O texto aborda os fatores que proporcionaram o rápido crescimento da cidade rumo à região leste do município e as transformações em sua forma urbana, além de exibir as características que determinaram a transformação dos subúrbios em periferia. O artigo destaca também a obra do Professor Aroldo Edgard de Azevedo, sobre os subúrbios orientais de São Paulo (1945), referência sobre a região leste da cidade nos primeiros cinquenta anos do século XX. Utilizamos referências que tratam deste tema de forma crítica e que nos permitiu observar que os grandes entraves urbanos do extremo leste da cidade datam desse processo de transformação de subúrbio em periferia a partir da década de 1970. Este artigo buscou demonstrar como foi esse processo que produziu grandes desigualdades urbanas e sociais.

Palavras-chave: Urbanização, São Paulo, Zona Leste, subúrbios, periferia.

Abstract

This article discusses the historical aspects of the urbanization of the city of São Paulo highlighting the socio-spatial formation of the extreme east of the city to its effectiveness as a consolidated periphery. The text addresses the factors that provided the fast growth of the city towards the east region and the changes in its urban shape, and to demonstrate the features which determined the transformation of the suburbs on periphery. The text also highlights the work of Professor Aroldo Edgard de Azevedo, on the east suburbs of São Paulo (1945), a references to the east zone of the city in the first fifty years of the twentieth century. We use references that address this issue critically and that allowed us to observe that the large urban obstacles of this transformation process from suburb to periphery dates from the 1970s. This paper aims to demonstrate how this process that produced great urban and social inequalities was.

Keywords: Urbanization, São Paulo, East Zone, suburbs, periphery.

*Doutorando em Ciência Ambiental. Mestre em Ciências pela EACH-USP. Especialista em Gestão Pública de Controle e Educação Ambiental pela UNIFESP. Graduado em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Pesquisador e professor, atuando nas áreas de planejamento urbano, desenvolvimento local e suas interfaces com o patrimônio cultural e natural.

Introdução

A transformação dos subúrbios do município de São Paulo em periferia urbana se deu ao longo do século XX atrelada a um modelo de expansão urbana que produziu formas socioespaciais complexas, espaços desiguais e baixa qualidade de vida para parcelas da população (MARICATO, 2000; GROSTEIN, 2001; OLIVEIRA, 2004; BURGOS, 2008; MAUTNER, 2010; WILHEIM, 2011; ROLNIK, 2012). Este rápido crescimento compõe o processo histórico de produção e reprodução do espaço urbano da metrópole (CORRÊA, 1995; CARLOS, 2011) fundamentado em fatores que proporcionaram a consolidação de uma cidade dual (MARI-CATO, 2000) dividida entre centro versus periferia.

Em São Paulo, a urbanização foi favorecida com a construção das Estradas de Ferro no final do século XIX. Somam-se a isso as imigrações e o movimento campo-cidade que estabeleceram uma nova forma de ocupação e contribuíram para o espraiamento da população pelos subúrbios

ainda pouco habitados do município, promovendo um repentino crescimento demográfico e a intensificação da ocupação dos espaços intraurbanos (CORRÊA, 1995).

O avanço da urbanização, sua escala e velocidade no município de São Paulo para Grostein (2000), não foi um problema em si, a não ser pelo modo como se deu a forma insustentável de ocupação do solo, sem que as políticas públicas acompanhassem esse processo, deixando a cargo das pessoas e dos especuladores do solo urbano esse papel de planejador físico-urbanístico dos espaços não ocupados.

A forma urbana da cidade que até então permanecia recolhida no alto da colina se modificou num ritmo nunca antes percebido. Até meados de 1940, a cidade havia ocupado apenas o entorno do núcleo central, e os subúrbios mais distantes eram considerados zonas rurais e pouco habitados, mas que

cumpriam importante função agrícola e comercial (AZEVEDO, 1945; PRADO JR. 1989).

Nessa mesma época, por volta de 1940, ocorre o processo de verticalização das zonas centrais e a consolidação do centro/sudoeste da cidade como polo privilegiado de centralidade (ROLNIK, 2012), concentrando as classes sociais mais altas em contrapartida com o início da ocupação das áreas mais distantes, à margem da via férrea acompanhando a instalação das indústrias e das vilas operárias, assim como aconteceu na direção leste da cidade (AZEVEDO, 1945; LEMOS & FRANÇA, 1999).

É nesse sentido que o presente artigo busca apresentar os aspectos históricos da urbanização e do espraiamento do espaço intraurbano do município de São Paulo com destaque ao processo de formação socioespacial da porção leste do município, especificamente o extremo leste do município com recorte no atual Distrito de Itaquera. Constatamos a falta de literatura pertinente sobre esse processo (no sentido da Zona Leste), ao passo que os textos sobre a urbanização da cidade de São Paulo se concentram em explicar a formação socioespacial do chamado centro expandido da cidade, e pouco se tem de bibliografia sobre a formação dos subúrbios, que após 1950 se tornaram periferia da cidade com todos seus contornos problemáticos.

O texto traz reflexões teórico-conceituais em grande parte discutidas no âmbito do programa

de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP (OLIVEIRA, 2015), que identificou a falta dessa bibliografia específica que, por sua vez, poderia contribuir para um melhor entendimento da história e formação socioespacial do complexo tecido urbano que se tornou a metrópole paulista em tão pouco tempo, principalmente da maior região da cidade que é a porção leste do município.

Destacamos também a obra do Professor Aroldo Edgard de Azevedo (1910 – 1974), que apresentou à Universidade de São Paulo no ano de 1945 sua tese para o concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o trabalho intitulado *Subúrbios Orientais de São Paulo* (1945), obra que expôs as condições vividas na época nos bairros da Penha, Itaquera, Lajeado e São Miguel, além das atuais cidades de Itaquaquecetuba e Poá.

O texto está dividido da seguinte forma: primeiramente apresentamos a urbanização da cidade de São Paulo em direção à região leste e a transformação da sua forma urbana nos primórdios do século XX, sobre o qual o modelo de desenvolvimento da capital paulista rapidamente dominou seus subúrbios até então desocupados? – e nos primeiros cinquenta anos do século XX, a região que era considerada zona rural do município, e parte do chamado cinturão caipira do município (AZEVEDO, 1945), com o passar dos



Figura 1. Atual localização do Distrito de Itaquera na cidade de São Paulo. Fonte: Elaboração própria (2015).

anos, percebem o repentino crescimento apoiado por alguns fatores deram origem às grandes desigualdades socioespaciais no desenvolver do processo de produção e reprodução do espaço urbano da metrópole paulista.

Na sequência, nos apoiamos no processo de periferização da porção leste do município, a ocupação do solo urbano de forma desigual que marcou as décadas de 1970 e 1980, em grande parte com a convivência estatal que não conseguiu atender às demandas sociais da época, e que foram o cerne da origem dos grandes entraves urbanos que se perpetuam até os dias de hoje.

Como recurso metodológico – investimos em referências distintas sob perspectiva crítica: como obras sobre a história, o desenvolvimento e o complexo processo de urbanização da cidade de São Paulo, com destaque aos poucos autores que se dedicaram a urbanização da porção leste do município, como Azevedo (1945); Lemos & França (1999); e da própria urbanização da cidade de São Paulo, como Prado Jr, (1989); Toledo, (2003) e autores que trataram das contradições do processo de reprodução do espaço urbano da metrópole quando surgem as periferias urbanas após 1950, como Frúgoli Jr. (1995); Burgos (2008); Mautner (2010); Wilhelm (2011) e Rolnik (2012). E também utilizamos de imagens e fotografias antigas para entender todo esse processo¹.

Verificamos que nesse processo, a periferia se

constituiu em um tecido urbano complexo, ao passo que o planejamento urbano não acompanhou as demandas de cada época, fomentando a produção de espaços socialmente frágeis e com inúmeros problemas urbanos, sociais e socioambientais, consolidando um modelo de cidade dual que persiste até os dias de hoje, e com poucas perspectivas de mudanças.

A figura 1 [sem negrito, fiz correção em todas as figuras e legendas] representa a atual divisão administrativa e localização do Distrito de Itaquera na Zona Leste do município de São Paulo.

A urbanização e a formação dos subúrbios da Zona Leste.

São Paulo de Piratininga se estabeleceu em 1554 no alto de uma colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, e permaneceu praticamente inalterada até o final do século XIX. São Paulo era apenas uma vila isolada do resto do país (PRADO JR, 1989; TOLEDO, 2003). Contudo, como explicar o rápido crescimento urbano e demográfico que a cidade conheceu ao longo do século XX?

A literatura ressalta alguns aspectos que devemos considerar: São Paulo passou a se destacar no cenário brasileiro como importante entreposto comercial (PRADO JR, 1989; TOLEDO, 2003). Pela cidade, cruzavam duas ferrovias arquitetadas primeiramente para o escoamento da produção cafeeira do final do século XIX que favo-

1. Algumas imagens utilizadas são pouco nítidas pois datam de 1940, mas corroboram com os objetivos do trabalho.

receram o surgimento das primeiras indústrias após a decadência do período cafeeiro no Vale do Paraíba (TOLEDO, 2003). A ferrovia no entendimento de Rolnik (2012, p. 15) “transformou totalmente a cidade”, pois para a autora, como do alto da colina não era possível a instalação de linhas de trem, houve a necessidade de buscar as terras mais baixas junto aos fundos de vale para a construção das vias férreas, o que induziu a ocupação dessas áreas e o espraiamento do núcleo central da Vila de São Paulo no final do século XIX.

A imigração, as migrações internas e o movimento campo-cidade também devem ser considerados neste contexto, pois estes fenômenos induziram o crescimento do núcleo urbano do município de São Paulo. Wilhelm (2011, p.38) assinalou que “a cidade de São Paulo, que contava com 65 mil habitantes em 1890, recebeu naquela década uma onda de quase um milhão de Italianos!” O mesmo autor afirma que “a expansão territorial foi tão considerável, que poderíamos afirmar ter sido a São Paulo de hoje totalmente construída no século XX, existindo pouquíssimas construções a testemunhar sua existência nos quatro séculos precedentes” (WILHEIM, 2011 p. 41).

O surgimento da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ), ligando o interior ao litoral a partir da Estação da Luz, e, posteriormente com a integração de diversas linhas férreas (entre elas a Estrada de Ferro do Norte – EFN), que passou a se chamar

no final do século XIX Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), que ligava a cidade de São Paulo a então capital Rio de Janeiro partindo da Estação do Brás, cruzando a porção leste do município, contribuiu para tal salto no crescimento da cidade, e proporcionou a expansão da pequena vila a povoar os seus subúrbios (AZEVEDO, 1945; PRADO JR, 1989).

A construção da Estrada de Ferro Central do Brasil “descobriu” os subúrbios ao leste da região central da cidade, tidos até então como grandes áreas desabitadas, ou então, desconsideradas pela história oficial? – mas que aos poucos foram sendo descobertas e que de zonas afastadas e desocupadas se tornaram núcleos urbanos à margem da via férrea – foi assim que “surgiram” ou foram povoados no início do século XX as freguesias da Penha, Itaquera e Lajeado, além dos atuais municípios de Poá, Ferraz de Vasconcellos, Suzano e Mogi das Cruzes (AZEVEDO, 1945), que margeavam a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Contribuindo para o crescimento da cidade de São Paulo, destacamos o papel de João Teodoro (Presidente da Província de São Paulo entre 1872 e 1875) que foi responsável pela construção das linhas férreas e também pelo alargamento das ruas, sendo ele considerado o primeiro “urbanista” da cidade (TOLEDO, 2003). Um dos primeiros bairros emergentes devido ao alargamento das vias e impulsionado pela construção da Estação

da Estrada de Ferro foi o bairro do Brás, localizado a leste do centro histórico, fato que Moura (apud Toledo, 2003, p. 373) descreve que essa “ação de Teodoro dá a entender que ele atribuía importância particular à expansão da cidade para o lado leste”. Foi a partir da construção da Estrada de Ferro, portanto, que os bairros da parte leste do município saíram do “isolamento”, pois a cidade entrou na era dos transportes sobre trilhos (AZEVEDO, 1945).

Foi João Teodoro que nas palavras de Toledo (2003) apercebeu-se da oportunidade que representava para a cidade a era da Estrada de Ferro, e já prevendo o crescimento da rede urbana da cidade, escreveu em um relatório:

A capital, engrandecida, circundada de atrativos e gozos, chamará a si os grandes proprietários e capitalistas da província, que nela formarão seus domicílios, ou temporárias e periódicas residências. O comércio lucrará, ampliando seu consumo. As empresas se fundarão com os recursos vastos e acumulados de seus novos habitantes. As forças produtivas da população, enfim, serão mais fecundamente empregadas” (TOLEDO, 2003, p. 370).

As palavras de João Teodoro evidenciam as características da cidade a partir daquele momento, a cidade industrial e a expansão urbana baseada na propriedade surgiram com o avanço da urbanização. Lemos & França (1999, p. 44) tam-

bém ressaltam a importância da Estrada de Ferro para expansão das áreas suburbanas de São Paulo, para as autoras, “com a Estrada de Ferro, São Paulo começa a conquista de seu município, criando a sua zona suburbana, inteiramente ligada à linha férrea”.

O povoamento das áreas próximas às linhas férreas e arredores segundo Azevedo (1945) ocorreu, primeiramente, pelos funcionários da Estrada de Ferro, e que por sua vez, atraíram outros moradores, incluindo os primeiros imigrantes que iniciaram o que foi durante muitos anos a principal função das áreas suburbanas; a agricultura de subsistência e o pequeno comércio local, próximos à via férrea (AZEVEDO, 1945; LEMOS & FRANÇA, 1999).

O professor Aroldo Edgard de Azevedo (1945) produziu trabalhos, no âmbito da cadeira de geografia da Universidade de São Paulo dedicados exclusivamente à região leste do município de São Paulo. Em um trecho de seu livro, *Subúrbios Orientais de São Paulo* (1945), o autor analisa como era a região por volta de 1940:

Na direção de Leste, após a região da Penha, tanto para os lados de São Miguel como de Itaquera, inicia-se a verdadeira zona rural dos subúrbios paulistanos, **com seus grandes espaços sem nenhum sinal de presença do homem, pleno domínio da natureza** (AZEVEDO, 1945, p. 97, grifo nosso).

imigrantes, procuraram os subúrbios para residir, pois os preços baixos das casas e dos loteamentos eram o principal atrativo dessas regiões. Junta-se a isso a facilidade dos transportes sobre trilhos. A função agrícola é também muito importante e constituiu, sobre certos aspectos, uma tradição dos subúrbios de São Paulo (AZEVEDO, 1945).

As pesquisas realizadas por Azevedo (1945) destacam que “a região (leste) possui dois núcleos de maior destaque; Itaquera e Lajeado, além de uma série de pequenas “Vilas” que aparecem ora próxima à via férrea, ora um pouco mais afastadas” (AZEVEDO, 1945, p. 101). Em sua obra, por exemplo, encontramos uma explicação sobre o desenvolvimento de Itaquera naquela época:

O desenvolvimento de Itaquera deve-se até certo ponto, ao crescimento da capital paulistana, pois foi sentindo a futura expansão da metrópole que a Companhia Comercial, Pastoral e Agrícola, adquiriu em 1919, aos Padres Carmelitas a Fazenda do Carmo, situada entre os rios Verde e Jacú, propriedade da Província Carmelita Fluminense desde os princípios do Século XVIII. Fez então o primeiro loteamento e assim nasceu a atual Vila Carmozina [...] O aspecto geral de Itaquera agrada em virtude de seu caráter semi-rural. As habitações modestas em sua maior parte, não acotovelam uma ao lado das outras, mas se disseminam pela localidade entremeadas por pequenas culturas e por abundante arvoredo, cuja folhagem dá uma

nota particular à monótona paisagem campestre dos arredores (AZEVEDO, 1945, p. 103).

Muitos estrangeiros vieram habitar a região de Itaquera, que fora dividida em diversos lotes pela Companhia Comercial Pastoral Agrícola, configurando inúmeras colônias de imigrantes que se instalaram próximos ao rio Jacu e se dedicaram à produção agrícola, sobretudo os Japoneses (800 a 1000 pessoas) que chegaram à região por volta de 1922 (AZEVEDO, 1945).

Durante muito tempo, mesmo após o abandono da atividade rural pelas outras colônias, os japoneses continuaram a cultivar frutas, hortaliças e flores, que são comercializadas ainda hoje no mercado local junto à região da Avenida Jacu-Pêssego. Para Azevedo (1999, p. 115), “do ponto de vista econômico, a “Colônia³” teve grande importância não só para a região de Itaquera, como principalmente para a própria capital paulista” – a Colônia de Itaquera era considerada o mais importante centro agrícola da região.

Nessa mesma direção, Oliveira (2004, p.135) aponta que a agricultura criou uma paisagem distinta na região, pois “numerosas são as chácaras e os pequenos sítios onde se cultivavam hortaliças, flores e frutas diversas, ou se criavam galinhas destinadas à produção de ovos”.

Corroborando com Oliveira, Azevedo (1945) descreve a paisagem da região leste do muni-

3 Segundo Azevedo (1945) o nome Colônia dá margem a interpretações errôneas, pois não se trata de um núcleo colonial, foi a Cia Comercial, Pastoral e Agrícola que adotou o nome para ressaltar o caráter rural da região, que logo atraiu brasileiros, japoneses, alemães, russos, lituanos, checoslovacos, poloneses que ali se fixaram, sobretudo os japoneses.



Figura 3. A estrada Itaquera - São Miguel na década de 1940. Fonte: Azevedo (1945).

cípio: com inúmeras colinas, áreas agrícolas e núcleos esparsos de povoamento, além do uso do subsolo para a extração de cascalho e pedras, como a famosa pedreira de Itaquera. O autor completa descrevendo que “a paisagem natural da região de Itaquera e Lajeado, ainda pouco humanizada, podia ser melhor observada do que na Penha” (AZEVEDO, 1945, p. 97). Na figura 3 observamos as características pouco urbanizadas da estrada de Itaquera a São Miguel, hoje, Avenida Pires do Rio.

Outra característica da região também observada por Lemos & França (1999) foi que desde o início do século, muitos terrenos eram comprados por trabalhadores que residiam na região central e iam à região leste para passar os finais de semana, pois o “clima da região era agradável e recomendado para os pulmões”.

As autoras completam afirmando que:

Enquanto a luz elétrica não chegou, as três vilas (Carmozina, Santana e Cristianópolis) eram autênticos campos bucólicos, aonde as pessoas vinham do centro de São Paulo e ali faziam piqueniques, brincavam, corriam. Após a vinda da luz elétrica (1951), **após dez anos de lutas, houve uma verdadeira duplicação, triplicação, quadruplicação da população e ai deixou de ser o ambiente bucólico para ser mais dinâmico do que o progresso exige.** (LEMOS & FRANÇA, 1999, p. 51, grifo nosso).

Este período marca o avanço da urbanização e as intensas transformações socioespaciais pelas quais passou a região leste até os anos cinquenta. As mudanças mais visíveis assim como afirmaram Azevedo (1945) e Lemos & França (1999) foram o aumento da população e o loteamento de chácaras e fazendas. Até aquele momento, a zona leste não passava de uma zona pouco urbanizada e área rural com função agrícola nos arredores de Itaquera e Lajeado, mas com certo destaque, como observou Azevedo sobre Itaquera.

De qualquer forma, não há nenhum exagero em dizer que Itaquera representa certo papel de “capital” regional, não só por ser o maior aglomerado da região que ora examinamos, como por outros fatores: Em primeiro lugar, como centro religioso, uma vez que possui a principal igreja da zona, sede paroquial, frequentada aos domingos e dias santificados por muitos que vivem nas “Vilas” próximas; em segundo lugar, como pequeno centro cultural, graças à presença de um Grupo Escolar e do cinema, sobretudo que atraem a população da redondeza; e finalmente como um mercado de certo destaque, devido às suas casas comerciais (notadamente do gênero alimentício) e a sua feira que se realiza junto à estação aos domingos pela manhã, sendo frequentada por moradores não só das “Vilas” próximas, como também de Lajeado, e até mesmo da região da Penha (Vila Matilde e Guaiaúba) (AZEVEDO, 1945, p. 105).

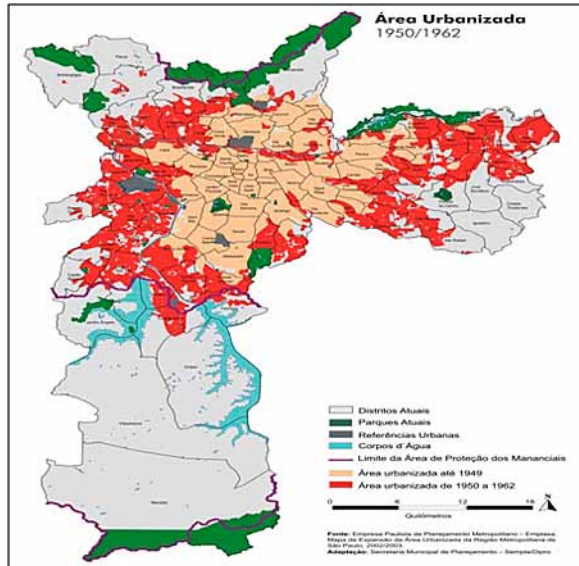


Figura 4. Área urbanizada 1949-1962. Fonte: Elaboração própria (2015) adaptado de EMPLASA (2003).

As observações de Azevedo apontam as primeiras transformações neste extremo do município, provocadas pela urbanização acelerada da futura metrópole. Assim, podemos dizer que o povoamento e as transformações socioespaciais da região leste se intensificaram somente partir da década de 1940, pois devido aos fatores já citados, se formaram os bairros-dormitórios.

Por mais que a porção leste se posicionasse como uma região em expansão e importante entreposto comercial, alguns problemas impediram o crescimento contínuo que já usufruíam outros bairros da capital. A escassez de empregos, a falta de asfaltamento, de esgotamento e de água encanada impediram o desenvolvimento durante muitos anos – mas talvez o principal elemento ausente naquele tempo era a luz elétrica, o que para Azevedo (1945) inviabilizou a chegada da indústria.

Nesse processo, a urbanização se depara com políticas públicas ineficientes que passam a gerar certos conflitos no processo de produção do espaço urbano da cidade. Enquanto o centro e as novas áreas industriais receberam investimentos em infraestrutura, os subúrbios mais distantes cresceram em número de população, mas não acompanharam o mesmo modelo de desenvolvimento urbano da cidade, expressando, em certa medida, aspectos insustentáveis de urbanização (GROSTEIN, 2001). Com o crescimento da população local e a pouca oferta de trabalho, a maioria

dos habitantes do extremo leste trabalhavam no centro da cidade ou para lá se dirigiam a fim de vender seus produtos ou sua força de trabalho (AZEVEDO, 1945).

É justamente neste período que surgem os conflitos sociais e urbanos que transformaram os subúrbios em periferia. A demanda por serviços básicos por parte da população não foram atendidas pelo poder público e os bairros foram crescendo “à margem da legalidade”, o que determinou o crescimento horizontal da cidade.

De subúrbio à periferia

A metropolização da cidade acompanhou a consolidação econômica da indústria e do comércio, que em pouco tempo se tornou a mais rica do país. Esse processo acarretou na urbanização de outras áreas da cidade. Wilhelm (1965, p.10) afirma que “o processo de metropolização foi, portanto, caracteristicamente o preenchimento dos vazios que separavam os núcleos existentes”. Como podemos observar na evolução do crescimento demográfico na figura 4. Em pouco tempo, entre 1950 e 1962 a mancha urbana aumentou e alcançou os subúrbios mais distantes.

A mancha vermelha (mais escura) evidencia exatamente a ocupação dos subúrbios da cidade, nota-se que para o leste, aonde a urbanização havia chegado até a Penha em 1950, entre 1950 e 1962 alcançou outros bairros, como Itaquera,

Lajeado (Guaianases), São Miguel, Itaim Paulista e Ermelino Matarazzo.

Esse denso crescimento populacional e a produção do espaço urbano sem planejamento extrapolaram as contradições urbanas do modelo capitalista, que criou periferias com características muito desiguais. A previsão de Wilhelm (1965) era que no ano 2000, a população da cidade de São Paulo atingiria 13 milhões de habitantes, segundo ele, alcançando as “fraldas da Serra do Mar”. Além da expansão da malha urbana, a urbanização generalizada provocou o adensamento de diversas áreas a partir dos anos de 1960 que fomentou o consequente surgimento de novos núcleos populacionais bastante densos e precários (WILHEIM, 1965).

A grande massa encontrou muitas dificuldades na metrópole que surgia, “a sedução fácil de uma teoria de conveniência harmoniosa e divertida é negada, entretanto, pela geografia socioeconômica das origens” (ROLNIK, 2012, p.45), ou seja, a cidade que crescia absorveu a mão de obra dos migrantes, mas a periferia, aos olhos do poder público se configurou no habitar dos menos favorecidos (OLIVEIRA, 2015).

É nesta mesma época que a expansão urbana da cidade de São Paulo evidencia um fenômeno novo – ocorre a conurbação: onde a mancha urbana do município rompe a divisa com as outras cidades da atual região metropolitana, formando

um só tecido urbano, não sendo mais possível identificar os limites da cidade (ROLNIK, 2012). Para o leste, a cidade alcança a divisa com outros municípios.

A ocupação dos subúrbios ocasionou uma forte demanda por moradia e serviços públicos essenciais, mormente ligados à infraestrutura e ao acesso às condições básicas de sobrevivência por parte da população. Entretanto, é nesse processo que emerge a relação contraditória do espaço urbano generalizado como mercadoria, com o valor de troca sobressaindo o valor de uso, pois, mesmo nas periferias, a especulação imobiliária e reprodução do capital no espaço moldam o modelo de ocupação socioespacial e determinariam a forma urbana desses espaços.

Enquanto as regiões próximas ao centro da cidade, mais valorizadas, recebiam investimentos em infraestrutura, como afirmou Rolnik (2012), os subúrbios produziam um espaço urbano desigual. Pois o modelo de ocupação do espaço se deu através da autoconstrução de moradias, ocupação de áreas irregulares e normalmente próximas aos rios e córregos, muito antes da chegada de serviços básicos.

O processo de urbanização ocorreu de forma muito parecida em todas as direções da cidade, porém, para seguir os objetivos desse trabalho, daremos ênfase ao processo de periferização do extremo leste e os problemas do crescimento

desorganizado e do modelo de planejamento em fragmentos, sem levar em conta o espaço urbano como um todo (OLIVEIRA, 2015).

Mas o crescimento muito rápido acarretou problemas na dinâmica de ocupação do solo em detrimento da oferta de moradias disponíveis. Para Lemos & França (1999), a urbanização intensa gera um déficit muito grande de moradias, especialmente para aquela população de menor poder aquisitivo. Paralelamente, a especulação imobiliária recebe um forte impulso em consequência da grande demanda residencial. É sob esse contexto que Wilhelm (1965), assevera a relação contraditória entre a urbanização e o modelo de produção do espaço na cidade de São Paulo. A exclusão socioespacial toma maiores proporções a partir do final da década de 1960. Amaral (2001, p. 10), afirma que “a grande maioria da população se virou como pôde: em favelas à beira de córregos, na autoconstrução de suas casas na periferia, em lotes irregulares, adensando cortiços, em condições extremamente precárias”.

Para Burgos (2008), a formação da periferia da cidade de São Paulo ocorreu sob o contexto do processo de “industrialização - urbanização - metropolização”. Além disso, a autora afirma que a transformação do subúrbio paulistano em periferia está diretamente ligada à reprodução da classe trabalhadora no processo de industrialização da cidade. Mautner (2010, p. 248), por sua vez, explica que o assalariamento da população, principal-

mente na indústria e a falta de opções de moradia deu origem a um trinômio na forma de ocupação do solo nas periferias; **“loteamento popular, casa própria, autoconstrução”** (grifo nosso).

A transformação do subúrbio em periferia rapidamente alterou o perfil e o modelo de ocupação do solo. À margem das políticas públicas, as periferias cresceram muito mais rápido do que o planejamento urbano pode acompanhar, e “a expressão ‘periferia’ que serve para designar os bairros afastados do centro, tornou-se sinônimo, em certos meios, da noção de marginalização ou de exclusão social” (CEBRAP, 1975, p. 23).

Com os graves entraves que surgiram com a ocupação desordenada dos subúrbios da cidade, a administração pública definiu por meio da COHAB (Companhia Metropolitana de habitação de São Paulo) que havia entregado até o ano de 1975 apenas 3.597 habitações populares alavancar a produção em massa de moradias e construir dois gigantes conjuntos habitacionais no extremo leste.

O intuito era “conter” a crescente ocupação de áreas ilegais e dar uma resposta aos movimentos sociais que se fortaleceram nessa época. Rolnik (2012) lembra que as lutas sociais pela resolução dos problemas urbanos, como moradia, infraestrutura e serviços públicos datam da década de 1970. Amaral (2001) afirma que esses problemas urbanos são considerados “indutores” dos movimentos sociais, que se estruturavam, lutando por direitos bá-



Figura 5. Construção dos Conjuntos Habitacionais em Itaquera. Fonte: PMSP (1979).

sicos, além da moradia digna, acesso aos serviços públicos, saúde, educação e principalmente uma grande demanda por creches e serviços de saúde, marcaram as lutas sociais naquela época.

Portanto, na região de Itaquera e Lajeado, nas décadas de setenta e oitenta e em São Mateus, Cidade Tiradentes na década de noventa foram construídos grandes projetos habitacionais da COHAB. De acordo com as diretrizes do PUB (Plano Urbanístico básico) ainda de 1968, a administração da cidade planejava um grande investimento no eixo leste-oeste da capital. Haja vista a construção da linha três (vermelha) do metrô – que do plano original (da Barra Funda até o Tatuapé) se estendeu até Itaquera.

Por outro lado, o poder público enaltecia o projeto dos conjuntos habitacionais e do metrô, que traria o “desenvolvimento” para a região. Conforme um trecho da publicação São Paulo: 1975-1979: A cidade, o habitante, a administração, período da gestão Olavo Setúbal.

“Só em Itaquera, no extremo Leste da segunda linha do metrô, está prevista a construção de 30 mil casas e apartamentos, onde 150 mil moradores contarão com farta condução” (PMSP, 1979 p. 87). A figura 5 representa o local de construção dos conjuntos habitacionais da COHAB I em Itaquera.

Observamos na figura 5 que os conjuntos habitacionais ocuparam extensas áreas ainda pouco

habitadas (de baixa densidade). A imagem remete justamente a um tempo em que a região passava por uma transição de subúrbio distante com apenas alguns núcleos populacionais a periferia. A consequência foi que a construção das moradias impulsionou um mercado informal de terras na região (WILHEIM, 2011). Nesse sentido, podemos dizer que a construção dos conjuntos habitacionais da COHAB impulsionou a ocupação de terras na zona leste, primeiramente pelo baixo valor do solo e pela possibilidade de possuir uma casa própria para muitos, e, segundo, pela chegada de alguns serviços públicos para a região (LEMOS & FRANÇA, 1999).

Apesar do discurso de que municipalidade se encarregaria da “urbanização” dos conjuntos e também do entorno, o que realmente aconteceu foi o isolamento desses conjuntos com o restante da cidade. A promessa de fomentar políticas de desregulamentação do uso do solo, da redução das exigências para legitimação da posse de terras devolutas e isenção das taxas de pavimentação não foram cumpridas pela Prefeitura, apressando a ocupação de locais não adequados à moradia (LEMOS & FRANÇA, 1999).

Por isso, mesmo antes da finalização das obras da COHAB, a falta de infraestrutura básica deu origem a um modelo de urbanização feita de loteamentos ilegais e precários, “para aqueles que não tiveram a ‘sorte’ de residir nos conjuntos” como observou Rolnik (2012, p. 50). A autora

conclui que “essa política (dos grandes conjuntos habitacionais) teve como consequência a expansão horizontal da cidade, acompanhada pelo agravamento das condições de circulação e drenagem” [...] (ROLNIK, 2012, p. 50), levando a sérios problemas ambientais e urbanos, questões que se configuram como um dos principais problemas das periferias até os dias de hoje. Pois,

a maioria dos conjuntos foi implantada em terrenos totalmente impróprios do ponto de vista geomorfológico, já que essa urbanização periférica ultrapassou as áreas da bacia sedimentar (onde os terrenos tem baixo potencial de erosão) para atingir os solos do complexo cristalino, de maior declividade e altamente vulneráveis a erosão. Com a remoção da vegetação e as obras de terraplanagem, os solos expostos são sistematicamente conduzidos pelas chuvas, assoreando rios e córregos. (ROLNIK, 2012, p. 50, 51).

O crescimento exponencial da população e da ocupação desses extremos da cidade gerou enorme repercussão na mídia da época, como apresentado em uma matéria de jornal na obra de Lemos & França (1999) sob o título “Falta tudo nesta área de Itaquera”. Abaixo, segue um trecho da reportagem mostrando qual era a situação encontrada pelos moradores de Itaquera entre as décadas de setenta e oitenta:

As ruas são de terra, irregulares, cheia (sic) de

buracos e mato, sem meio-fio, calçadas ou sarjetas [...] A falta de água encanada e de rede de esgoto faz com que as crianças do bairro apresentem uma das maiores taxas de verminose [...] O baixo nível de renda da população reflete-se no grande número de casas construídas clandestinamente e nas paredes externas das habitações, mostrando os tijolos. (ESTADO DE SÃO PAULO, 1979 apud LEMOS & FRANÇA, 1999).

É possível perceber que a chegada dos conjuntos e a rápida ocupação de Itaquera favoreceram o crescimento exponencial do distrito e, como consequência, deixaram grandes lacunas urbanísticas para a região. Percebe-se assim, que os problemas urbanos que a região traz até os dias de hoje, se expressam no modelo de planejamento urbano adotado pelo poder público na época e na escassez de políticas públicas que consolidou uma periferia que se desenvolveu à margem da “legalidade”. Para Paul Singer (apud LEMOS & FRANÇA, 1999, p. 94) “a grande cidade capitalista quanto mais cresce, menos lugar tem para os seus pobres”.

É exatamente nas décadas de 1970 e 1980 que a periferia se consolida, a grande massa de trabalhadores buscou as regiões mais distantes para construir suas casas, mesmo que de forma “ilegal”. Frúgoli Jr. (1995) aponta que em vez dos cortiços do centro histórico e das vilas industriais, a população mais pobre, principalmente os migrantes construíram suas casas com as pró-



Figura 6. Comunidade São Francisco – Zona Leste. Fonte: Secretaria de habitação (2012).

prias mãos, ou em mutirões de fim de semana (Autoconstruções).

O autor afirma que a falta de infraestrutura básica e a ausência do poder público são as características desse processo, quando após a construção das casas, os moradores deveriam reivindicar junto à municipalidade os serviços de infraestrutura. Ainda acompanhando o pensamento de Frúgoli Jr. sobre a expansão da periferia, o autor indica que:

Tal processo liga-se ao fato da especulação imobiliária passar a nortear o crescimento da cidade com a expansão das fronteiras urbanas sob a égide do investimento privado dotando as futuras áreas de moradias de mínimas condições, com a classe trabalhadora arcando com a compra do terreno, do material necessário, a propriedade dita e a conquista para a área de bens de consumo coletivo (FRÚGOLI JR. 1995, p. 29).

Para Ermínia Maricato (2000), “uma lógica perversa” se configura na cidade de São Paulo, enquanto as áreas que cercam o centro são beneficiadas por obras de urbanização, embelezamento e incentivos à ocupação vertical, tanto o centro como as regiões mais distantes são abandonadas e deixadas à ilegalidade e à segregação. De acordo com a autora, estabelece-se nesse momento “a cidade legal versus a cidade ilegal”. Rolnik & Frúgoli Jr. (2001), ressaltam que essa exclusão urbanística relegada às periferias gerou inúmeros problemas, como o adensamen-

to e a favelização em áreas socialmente mais frágeis, fomentando a ocupação das margens dos córregos e encostas íngremes. O padrão de moradia também se modificou, de acordo com as observações feitas pelos autores:

[...] Onde a verticalização do uso residencial foi mais intensa, a população moradora diminuiu, reduzindo a densidade, e, conseqüentemente, “exportando” populações para periferias mais distantes, no próprio município, e no entorno metropolitano (ROLNIK & FRÚGOLI JR. 2001, p. 45).

A pesquisa de Rolnik & Frúgoli Jr. (2001) sobre a reestruturação urbana da Zona Leste, demonstrou também que o mercado formal de habitação pouco atuou nas áreas mais distantes, a não ser pelos conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público. Entretanto, esses conjuntos, para Rolnik & Frúgoli Jr. (2001, p. 46) encontram-se “cercados por loteamentos clandestinos, como pouca ou nenhuma urbanidade”. Nesse contexto, a exclusão territorial e a negação ao direito à cidade dão forma à estrutura urbana da imensa periferia que se consolidou nesse período, como vemos na figura 6.

A exclusão de parte da população das áreas mais distantes do eixo de desenvolvimento econômico produziu e reproduziu a impossibilidade dessas populações compartilharem dos mesmos benefícios do desenvolvimento humano da “grande cidade”. O que confirmava a realidade de uma cidade dual.

Considerações finais

Os subúrbios da cidade de São Paulo se transformaram rapidamente em poucos anos durante as primeiras décadas do século XX. A ocupação dessas áreas até então tidas como desocupadas ou pouco habitadas se deu por fatores integralmente ligados à industrialização que se consolidou ao longo das Estradas de Ferro. Somam-se a isso, a ineficiência das políticas públicas e o planejamento urbano que beneficiou apenas uma parte da cidade, e que moldaram as características das periferias da cidade de São Paulo, onde impera a falta de estrutura e de urbanidade até os dias de hoje.

Verificamos que o espaço urbano como local da reprodução social e das relações de produção se tornou contraditório no processo de urbanização da sociedade, esse processo é evidente na formação socioespacial dos subúrbios paulistanos. É no espaço urbano que tais relações acontecem e se reproduzem na forma de apropriação do espaço.

Este artigo buscou demonstrar que as periferias da cidade de São Paulo, em especial a zona leste do município é integrante do complexo processo de urbanização da cidade de São Paulo. A grande maioria da população, assim como afirmou Amaral (2001) “se virou como pôde”, buscando as favelas, a autoconstrução de moradias e a ocupação de terrenos irregulares do ponto de vista legal, social e ambiental. Por outro lado,

com a ascensão dessa problemática, surgiram os movimentos sociais normalmente ligados ao movimento de moradia, assim como ocorreu em outras periferias da cidade.

A busca de bibliografia para a realização deste trabalho constatou que, ao contrário da grande quantidade de literatura acadêmica sobre a história e formação da cidade de São Paulo, existem poucas publicações a respeito da formação socioespacial da Zona Leste da cidade, em especial dos bairros mais periféricos, como Itaquera. Como evidencia não podemos deixar de ressaltar os trabalhos realizados por Azevedo (1945) e Lemos e França (1999).

Sendo, assim, a pesquisa demonstrou que processo de formação socioespacial do extremo leste do município dentro do modelo de urbanização da cidade de São Paulo ao longo do século XX moldou as características da região. Ao que se pôde avaliar, atualmente, percebemos o caráter heterogêneo de uma ocupação espacial desigual e fragmentada, com diversos problemas urbanos e sociais. Este trabalho buscou também contribuir para a história da formação socioespacial dessa região que, como verificamos, não é tão valorizada.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ângela de A. C. **Habitação na cidade de São Paulo**. PÓLIS/PUC, São Paulo, 2001.

AZEVEDO, Aroldo Edgard de. **Subúrbios orientais de São Paulo**. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. São Paulo, FFCL/USP, 1945.

BURGOS, Rosalina. **Periferias urbanas da metrópole de São Paulo: Territórios da base da indústria de reciclagem no urbano periférico**. 2008, 258 p. Tese de (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CEBRAP (São Paulo). **São Paulo 1975: Crescimento e pobreza**. São Paulo. Edições Loyola, 1975.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**, São Paulo: Ática, Série Princípios, 1995.

FRÚGOLI JR. Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo. Marco Zero, 1995.

GROSTEIN, Marta D. **Metrópole e expansão urbana: a persistência de processos insustentáveis**. Revista São Paulo em perspectiva 15 (1). São Paulo, 2001.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de; FRANÇA, Maria Cecília. **Itaquera**. Série História dos Bairros de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Prefeitura, 1999.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano Brasil. IN ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. São Paulo: Vozes, 2000.

MAUTNER, Yvonne. A periferia como fronteira de expansão do capital. IN DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli R. (Org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. In CARLOS A. F. A. e OLIVEIRA, A. U. (org.). **Geografias de São Paulo: A metrópole do Século XXI**: São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Filipe Vieira de. **“ITAQUERA PARA QUEM?”** Projetos Urbanos e Mudanças Socioespaciais Na Periferia de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRADO JR, Caio. **A cidade de São Paulo**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PREFEITURA. **São Paulo, a cidade, o habitante, a administração: 1975-1979**. São Paulo, 1979.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. São Paulo: Publiflora, 2012.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR, Heitor. **Reestruturação urbana da metrópole paulistana: A zona leste como território de rupturas e permanências.** São Paulo. Cadernos Metrópole n. 6, 2001.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** São Paulo: Contexto, 2002.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

WILHEIM, Jorge. **São Paulo: Uma Interpretação.** São Paulo: SENAC, 2011.

